



## APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos

Primavera... haverá primavera? Tempos sombrios nos levam, muitas vezes, a duvidar de que uma primavera se avizinha. É claro, este que vivemos hoje não é o único momento tenebroso da história humana. Muitos outros tiveram lugar antes, em diversas partes do mundo, tanto do ponto de vista sanitário, quanto do ponto de vista moral, social e/ou político. Afinal, foi a partir do olhar sobre um desses momentos da história que Hannah Arendt<sup>1</sup> concebeu a ideia do mal como banal. Banal não por ser lugar comum, mas por ser experimentado como tal, como se fosse normal. E é essa, paradoxalmente, a sombra mais assustadora que paira atualmente sobre nós, justamente por não ser algo de caráter contingente, como no caso de uma pandemia, ainda quando esta é decorrente, eventualmente, da omissão e/ou da má gestão ambiental.

Pois que o mal se torne banal, não significa que as suas consequências não sejam monstruosas. Para Hannah Arendt (1963, p. 1358)<sup>2</sup>, ele pode sim ser extremo, porém não é radical, pois é superficial, não possui profundidade. A proliferação de *fake news* em tempos de pós-verdade, favorecendo a superficialidade em detrimento do pensamento crítico, oferece o contexto adequado para que o mal se estabeleça como prática aceitável. Crentes de diversos matizes religiosos não passam ao largo desse contexto, antes o corroboram através da superficialidade no entendimento das escrituras e ao fazer, da adesão irrefletida a clichês, a prova do “compromisso” com a religião. Os corpos e os direitos das mulheres, assim como as sexualidades ditas “desviantes”, constituem o objeto privilegiado dessa prática.

---

<sup>1</sup> ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. **Lettre à Gershom Scholem**. New York, 24 juillet, 1963.



Sim, “clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade” (Hannah ARENDT, 1995, p. 6)<sup>3</sup>. De qual realidade queremos ser protegidos? De mudanças que já estão em curso, que já se consolidaram como realidade, apesar das tentativas de fazer retrocedê-las e que só fazem promover a violência e a opressão? É ilusão pensar que a superficialidade é menos custosa, pois, ainda que em diferentes graus, ela cobrará de todos o preço do mal que espalha. É ilusão imaginar que ela nos protege da mudança, pois até mesmo as religiões mudam. A mudança é tão inexorável quanto a primavera, diria Pablo Neruda<sup>4</sup>, apesar da luta que os velhos sistemas empreendem no sentido oposto:

“Tudo luta por mudanças, menos os velhos sistemas... A vida dos velhos sistemas nasceu de imensas teias de aranha medievais... Teias de aranha mais duras do que os ferros das máquinas... No entanto, há gente que acredita numa mudança, que tem posto em prática a mudança, que tem feito triunfar a mudança, que tem feito florescer a mudança... Caramba!... A primavera é inexorável!” (Pablo Neruda s/n, p. 240).

Sim, lutamos por mudanças e se, como propõe Hannah Arendt, apenas o bem é radical, podemos esperar. Contra todas as evidências, que parecem apontar que a morte é que traga a vida, a primavera resiste, floresce e revive, mesmo nas sementes adormecidas pelo inverno. É o que nos aponta o excelente e necessário artigo **O Sagrado feminino na primavera bíblica**, de Lidice Meyer Pinto Ribeiro, publicado neste número da revista, o qual conta com seis artigos e uma resenha. Lidice Meyer Pinto Ribeiro analisa, no já referido artigo, a presença constante do Sagrado feminino, ou da face feminina de Deus, a *ruach*, apontando para as suas relações com as festas e divindades associadas à primave-

<sup>3</sup> ARENDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Trad. Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

<sup>4</sup> NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (1974 by Matilde Neruda). Disponível em: < <http://files.biblioteca-espaco-digital1.webnode.com/200000254-b21bab3165/Confesso%20que%20Vivi%20-%20Pablo%20Neruda.pdf> >. Acesso em: 14 jun. 2021.



ra, esta também presente na trama bíblica desde a formação do povo de Israel até a concepção, nascimento, vida, sacrifício, ressurreição e promessa de segunda vinda do Messias. A autora conclui que, em que pesem as tentativas de marginalização e de ocultação das mulheres, face ao domínio masculino sobre as escrituras e interpretações, “os traços fundamentais do sagrado feminino resistem”.

As tentativas de calar, de ocultar ou mesmo de impedir a produção sagrada por parte das mulheres não é exclusividade de contextos cristãos e/ou ocidental. Até porque as religiões produzem e reproduzem as culturas nas quais se inserem, como apontam Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França e Tattiane Yu Borges Marques no artigo intitulado **Therīgāthā a primeira literatura feminina no budismo: possibilidades de diálogo com o erotismo na teopoética**. Estas são, de uma maneira ou de outra, em maior ou menor grau, permeadas e atravessadas por representações e práticas misóginas. As autoras apontam que, ainda hoje, “verifica-se uma escassez de literatura budista feminina”. Daí a relevância do *Therīgāthā*, uma antologia de poemas escritos pelas primeiras monjas budistas, mulheres com histórias diversas, que viviam na Índia antiga, onde práticas como o sati e o casamento infantil eram comuns. As autoras apontam que “o eu-lírico nos poemas do *Therīgāthā* expressam não só uma possibilidade de saída dos sofrimentos das experiências de vida”, mas também exemplos de resistência, vozes que ecoam do passado para as mulheres de hoje, budistas ou não, que se reconhecem “nos problemas por elas vividos, nas opressões sofridas [...] nas suas experiências religiosas e de fé”.

O fato de que há vasos comunicantes entre as representações de gênero, de cunho religioso e secular, cristão ou não, é evidenciado por Claudete Beise Ulrich e Vinicius Silva de Oliveira no artigo **Os/as robôs têm sexo? Uma análise a partir da categoria de gênero a respeito da representação de mulheres em máquinas**. Xs autorxs tratam de investigar a relação humanx-religião-tecnologia em perspectiva de gênero, perguntando-se se os/as robôs têm sexo e como são representados/as. Elxs identificam a influência de arquétipos e narrativas mitológicas e/ou cristãs, tais com a de Galateia e de Maria, na concepção e uso que se dá às máquinas, IA s e robôs. Procura-se reproduzir, por meio das



máquinas, IAs e robôs, um modelo de mulher ideal, que corresponda aos desejos masculinos e/ou do homem que a possui, “uma mulher silenciada, privada de sentimentos próprios, de vontades e do prazer sexual, sujeitas exclusivamente à vontade dos homens”. Xs autorxs perguntam-se sobre o viés de raça/etnia que poderia estar presente aí, apontando a necessidade premente de abordar a tecnologia desde uma perspectiva crítica feminista e interseccional.

Não por acaso, os diversos modos de controle do corpo e da sexualidade das mulheres e/ou das/os/es que não se conformam à cisheteronormatividade atravessam a problemática de praticamente todos os artigos do presente número, pois desde há muito fazem parte das preocupações da ortodoxia religiosa. As práticas de resistência às imposições da moral religiosa também sempre se fizeram presentes, das mais diversas formas. No artigo **Costura de prazeres e requebros: a insurgência e atualidade de Filipa de Sousa**, José Pascoal Mantovani e Nathalia Magalhães Vincentin analisam os dispositivos de controle do corpo e da sexualidade das mulheres a partir do caso de Filipa de Sousa, costureira do século XVI no Brasil colônia, perseguida e acusada pela Inquisição por manter relações sexuais com as suas clientes. De acordo com xs autorxs, a heteronormatividade é de tal modo marcante que, diante da ausência do falo ou de algo que o substituísse, o Tribunal do Santo Ofício encontrou dificuldade até mesmo de identificar e categorizar os supostos crimes. No entanto Filipa de Sousa defendeu, perante seus acusadores, as suas preferências sexuais, confrontando assim o poder religioso e as estruturas misóginas e sexistas. Xs autorxs avaliam que, com tal atitude, Filipa de Sousa deixou um importante legado de resistência feminina e constituição identitária, na medida em que a sua história encontra, ainda hoje, pontos de semelhança com a situação de pessoas cuja sexualidade é considerada “desviante”.

De fato, ainda nos dias de hoje, o desejo de controle sobre os corpos e as sexualidades segundo os padrões ascéticos e de pureza do catolicismo conservador transparece no artigo de Kelly Caroline Noll da Silva, assim como no de Eliane Rose Maio e Jean Pablo Guimarães Rossi. Em **“Virgem”, “heroica” e “mártir”: análise da construção de um modelo de santidade feminina a partir do caso de Albertina Berken-**



**brock (Santa Catarina, 1952-1959)**, Kelly Caroline Noll da Silva analisa a imagem que a imprensa católica catarinense construiu da menina Albertina Berkenbrock. Assassinada em junho de 1931, aos 12 anos de idade, após tentativa de estupro, a Arquidiocese de Florianópolis dá início, em 1952, ao processo de pedido de beatificação, que repousa sobre a construção da imagem de uma jovem “que ansiava por uma vida santa aos moldes da Igreja Católica”, pronta a renunciar aos prazeres humanos. No entanto, como aponta a autora, a renúncia não fez parte de uma decisão voluntária e consciente, mas resultou da sua morte por força da violência sofrida. A autora conclui que o intuito era o de estabelecer, a partir das características atribuídas a Albertina, um modelo de santidade para outras jovens, um exemplo a ser seguido por todas aquelas tementes a Deus.

No artigo intitulado **“Gelo no pênis, exorcismo e medo”**: gênero, sexualidade e religião em relatos de seminaristas e padres homossexuais, Eliane Rose Maio e Jean Pablo Guimarães Rossi se valem dos relatos de padres homossexuais, publicados em reportagem jornalística, para analisar “os dispositivos de controle e docilização dos corpos e das sexualidades”. Xs autorxs apontam que, embora se verifique alguns avanços nesse sentido, a orientação de documentos que tratam explicitamente da homossexualidade é de não admitir às ordens sacras pessoas que apresentem supostas “tendências homossexuais” e ainda que, “caso decidam prosseguir no seminário, devem enfrentar um processo de provação constante”. Vigilância, culpabilização, privação, punição, expulsão, separação, silenciamento figuram entre os mecanismos de contenção e de sujeição dos desejos e práticas sexuais dos padres homossexuais. Contudo, xs autorxs apontam que aí também estão presentes formas de resistência e que, parte dos sacerdotes e seminaristas homossexuais, vive em harmonia com a sua sexualidade e com o contexto religioso.

Finalizando o presente número, em **Identidade religiosa e reconstruções de si: performances LGBT cristãs entre a transformação e a normatividade**, Tainah Biela Dias apresenta a resenha do livro *Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Christians: Queer Christians, Authentic Selves*, de Bronwyn Fielder e Douglas Ezzy, que aborda os “processos



de construção e reconstrução de si – *self* – e da identidade coletiva” de sujeitos cristãos/as/es LGBT que frequentam quatro congregações religiosas filiadas à Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (FUICM) na Austrália. Trata-se, de acordo com Tainah Biela Dias, de “um marco importante para o campo específico que procura refletir sobre as relações e intersecções entre religiosidades/espiritualidades e questões de gênero e sexualidades”.

Nossa esperança é a de dar ocasião, através destas páginas, ao debate e ao desenvolvimento de um pensamento crítico, lançar sementes que farão florescer a primavera, pois entendemos que “ela é inexorável”.

Boa leitura!